

PIM PA M PUM



SUPLEMENTO
INFANTIL DO JORNAL

O SECULO

Direcção de AUGUSTO DE SANTA-RITA

ANO XV

LISBOA, 29 DE FEVEREIRO DE 1940

N.º 735

EPISÓDIO RÚSTICO



O malvado Zé Barrela foi, um dia, p'ró quintal armar a sua esparrela e apanhou lá um pardal.



Logo veio, todo ufano, de pardal prêso na mão, para o largo do Luciano onde se joga o pião.



E diz, num ar decisivo, segurando-o pelas asas; «— Vou depená-lo assim vivo!... Hei-de ir assá-lo nas brazas!...»

O MENTIROSO

O Raúl, aquele rapaz loiro e alto, lá da minha escola era tido e havido por mentiroso. E, na verdade, a fama correspondia em absoluto à verdade. O maroto mentia, sempre, nas coisas sérias como nas fúteis, descaradamente, verginhosamente.

Já ninguém acreditava no Raúl. Alguns dos nossos colegas, para ver se êle se emendava, combinaram deixar de lhe falar durante determinado tempo. E disseram-lhe que o faziam porque lhes repugnava darem-se com um rapaz mentiroso.

Raúl, então, prometeu corrigir-se. Mas uma semana depois, como êle aparecesse na escola com um novo relógio de pulso, de boa marca, o Gonçalo perguntou-lhe:

— «Onde arranjaste êsse relógio tão janota?»

— «Era de meu pai!» — respondeu o Raúl. Trouxe-o de França, quando voltou da guerra!

— «Ah! O teu pai esteve na guerra?»

— «Esteve, como official miliciano!» (Como vocês decerto já cempreenderam, o Gonçalo e o Raúl referiam-se à guerra de 1914).

Então o Gonçalo pediu:

— «Emprestas-me o relógio para eu o ver bem?»

— «Empresto.»

E o Raúl, tirando-o do pulso, entregou-o ao outro.

— «Mas êste relógio é inglês!»

— «Pois é. E tem até uma história interessante! Foi oferecido por um principe!...»

— «Então, conta lá!» — pediram al-



guns colegas, que se tinham aproximado e por sua vez examinavam também o relógio.

E o Raúl principiou a contar:

— «Nesse dia houve por lá um combate renhido. O meu pai portou-se valentemente e conseguiu salvar alguns soldados ingleses. De maneira que... houve grossa festança... uma parada... revista às tropas... Então... apareceu o Principe de Gales...»

— «O Principe de Gales... na França!»

— «Sim. Não vês que o Principe foi passar revista às tropas inglesas!... E como o meu pai tinha salvo aqueles homens, o Principe condecorou-o...»

— «E o relógio?»

— «Ah sim! O relógio foi depois. Cha-



Logo o Chiquinho, assustado, lhe vai pedir, de mansinho, com um ar arripiado:

— «Ó Zé, dás-me o passarinho?...»



— «Não querias tu, meu guloso, que te fôsse agora dar petisco tão saboroso que me custou a apanhar?»

(Continua na página 8)

mou-o em particular e ofereceu-lho, como recordação!...

— «Apre! Isso é que foi um gesto bonito! Nem sei como o teu pai te emprestou um relógio de tanto valor!»

E os rapazes, depois de entregarem o relógio, comentavam a história do Raúl, quando o nosso colega José Paulo, que até aí se conservava afastado e ouvia tudo, sorrindo ironicamente, se aproximou:

— «Ouve lá, ó Raúl. Quantas vezes foi o teu pai presenteado com relógios ingleses?»

— «Uma, está claro!»

— «Então não te recordas de me teres contado, há já muito tempo, a história dum oficial inglês a quem teu pai salvara a vida e que, em sinal de agradecimento, lhe oferecera o relógio?»

O Raúl atrapalhou-se:

— «Mas... naturalmente tu é que não percebeste bem!...»

— «Não arranjes desculpas, Raúl. Vale mais dizeres a verdade. Nós bem sabemos que o teu pai foi um herói, condecorado várias vezes. Mas essa do relógio dado pelo Príncipe de Gales, não pega.»

No dia seguinte, o Raúl recebia, pelo correio, uns versos que terminavam assim:

Está portanto provado,
axiomáticamente,

que o Raúl, quando abre a boca,
mente, mente, mente!...



Não sei o que houve lá em casa, com o pai do rapaz — homem sério e honrado, que severamente punia o filho, quando o apanhava em mentiras. O certo é que o Raúl apareceu nesse dia com o cabelo rapado à escovinha e uma cara muito comprometida.

Mas nem assim se emendou. O vício era mais forte que a sua vontade. E estava escrito que, para acabar de vez com êle, o castigo teria que ser cruel!...

Assim, certo dia, brincávamos todos no pátio da escola. Em dada altura o Raúl escorregou e caiu. Neste momento soava a campainha que nos chamava para as aulas.

O Raúl gritava, aflito:

— «Acudam-me! Parece que parti uma perna!»

Mas nós afastámo-nos, a rir. E o José Paulo disse-lhe ao ouvido:

— «Partiste a perna para não fazeres o ponto escrito de matemática, não foi?»

Raúl ficou estendido não chão, sôzinho. Queria levantar-se e não conseguia. Até que, num esforço violento, tentou pôr-se de pé. Mas as dores foram tão fortes que perdeu os sentidos.

Quando, meia hora decorrida, o encontraram, continuava desmaiado.

Perto de três meses estive o Raúl no hospital, gravemente doente. Além da perna partida, apanhara uma pneumonia, devido a resfriamento.

Todos nós o visitávamos com frequência, sentindo-nos um pouco culpados da pneumonia. Mas êle, que no fundo era um excelente rapaz, sossegava-nos:

— «Se eu não costumasse mentir, vocês acreditavam-me quando me queixei e socorriam-me logo, tenho a certeza. Portanto, só eu sou o culpado!»
E prometia, desta vez sinceramente, não voltar a mentir.



Raúl cumpriu a promessa. Hoje é homem, mas um homem digno e de palavra. E tanto nós, seus antigos discípulos, como todos os que com êle convivem, o respeitamos e o estimamos — o que não sucederia, se continuasse a ser «um mentiroso»!...

Leonor de Campos

UM SACO PARA COSTURA bordado a ponto de cruz

Apresento-vos, minhas gentis amiguinhas, um saco para costura, bem fácil de execução.

As vossas mããs cortarão este modelo simples, num bocado de linho sintético. Os dois lados são perfeitamente iguais e com os mesmos bordados.

Ao armar o saco, teréis o cuidado de cozer uma tira de 4 centímetros, entre as duas faces, para dar largura e ter espaço para nele guardarem as linhas, o bordado, o «crochet», o dedal, etc, etc.

A florinha Fig. 2 é o modelo para ser reproduzido a ponto cruz, azul, rosa ou encarnado. As fôlhas são a verde e os outros riscos em castanho, assim como os nove pontos dentro das fôlhas.

O saco tem uma pequena abertura de cada lado, e uma bainha larga, onde se introduzem as argolas de madeira.



Fig. 2 *Arlete Lopes Navarro*

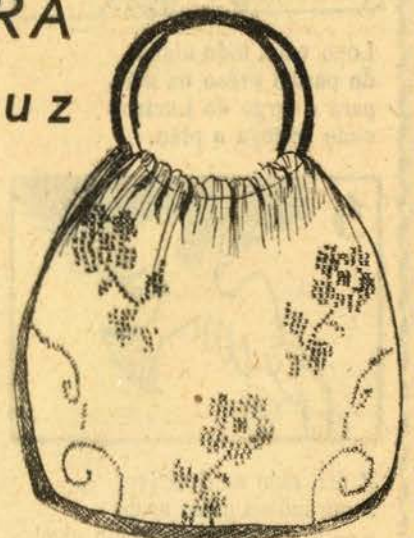


Fig. 1

NO REINO DOS BICHOS

DESENHOS PARA COLORIR



ARARA

Eis o que se chama a quem «muito fala e pouco acerta.» Da família das trepadoras. — (a que pertencem, também, a catatua, o piriquito, o papagaio e o pica-pau.) — esta ave habita a África e o interior do Brasil.

Depois de muito bem colorida, verá que é linda.

Mas, para isso, têm de pintar com a cor castanha (1) as penas das asas; de encarnado ou escarlate (2), o pescoço; de verde (3) e a parte superior da cabeça; de amarelo (4) o corpo e a cauda; de azul-celeste (5) as asas e a parte da cauda.

O tronco é castanho e termina por folhagem verde.

PICA-PAU

Cá está o Pica-Pau ou Pêto. É um passarilo trepador, muito conhecido entre nós.

Tem este nome por picar o tronco das

ANEDOTAS

Num exame de história: — «Em que batalha foi morto Gustavo Adolfo?»

O aluno, depois de reflectir um pouco:

— «Foi na última em que entrou.»

...

Luizinha: Todos os meus presentes do Natal, é o Menino Jesus que o traz, mãezinha?

— E' sim, meu amor.

— Então, o que é que tu e o paizinho me dão?

árvores à procura de bichinhos de que se sustenta.

Chamem-lhe tolo, hein?

Hão-de concordar que, depois de preenchidos os espaços com os lápis de cor correspondentes, deve ficar um lindo desenho.

Para isso o alto da cabeça, o bico, o dorso, as asas e a cauda devem ser coloridos a castanho.

Lá está o n.º 1 a indicar. O n.º 2 mostra onde se deve empregar o encarnado.

O n.º 3 mostrará a cor verde e o n.º 4 a amarela.

URSO FORMIGUEIRO

Aqui têm os meus meninos um dos mais curiosos bicharocos da série.

Habita nessas regiões maravilhosas da América do Sul e, como o seu nome indica, alimenta-se de formigas que se lhe prendem à língua, comprida e viscosa.

É um lindo animal, não acham?

Mas para produzir efeito, devem cobrir as regiões marcadas com o algarismo 1 a castanho, de vários tons.

Zoologicamente, tenho a explicar-lhes que o urso formigueiro pertence à ordem dos desdentados, de que fazem parte, também, o tatú, a preguiça, o pangolim e outros animais exóticos.



CACATUA

Na Austrália existem curiosas espécie de animais: o canguru, com a sua bolsa, onde guarda os filhos; o ornitorinco, transição dos mamíferos para as aves; a ave do paraíso, de divina plumagem; a cacaetua, linda pela harmonia suave das suas cores.

Quando palra ou se irrita, a cacaetua abre o leque da cabeça.

E' cor de rosa. O leque tem penas encarnadas (2) e amarelas (4). As pequenas malhas que tem sôb o leque e parecem OO são vermelhas, também.

Sôbre os olhos tem uma linda mancha castanha, da cor do bico. Por cima d'êste, vê-se uma pequena malha encarnada.

A região externa das asas é azul (5). Tronco castanho (1). Folhagem verde (3).

PEIXE PORCO-ESPINHO

Um exemplar curioso da fauna aquática é oferecido, hoje, ao critério artístico dos leitores do «Pim-Pam-Pum».

Pelxe porco-espinho é o nome do bi-



charoco patusco que vêdes. Tem este nome devido aos picos, que lhe ornarn o corpo.

Também se lhe poderia chamar pelxe-ouriço...

E' verde (3). Uma pequena malha castanha na barbatana, o ventre azulado (4) e eis o peixe pronto a figurar na colecção;

A N E D O T A

O professor: — «Uma pessoa anónima é aquela que não deseja ser conhecida. Quem é que está aí a rir na aula?»

Uma voz miúdynha: — «E' uma pessoa anónima, sr. professor.»

UMA NOVELA de AUGUSTO de SANTA-RITA

A VIDA DO "ZÉ" PIMPÃO

Continuação do número anterior

APERTANDO-LHE docemente as mãos, Zézito não se conteve e, num transporte de amor, exteriorisou, francamente, o sentimento nobre que Jénita há muito lhe inspirava, ao mesmo tempo que, dos lábios dela, ia escutando a confissão dum sentimento igual, também há muito recalçado no fundo do coração. Quando ti'Ana parecia haver despertado dum pequeno sono reparador, as mãos enrugadas da bondosa velhinha, que sorria de satisfação, tactearam no espaço, como uma bênção, dando a perceber que o seu simulo não havia sido apenas um pretexto para a livre expansão das mútuas confidências.

Entretanto, no seu luxuoso escritório, Fred Richard e o gerente das oficinas «Gora Limitada», estudavam o projecto da grande remodelação por que estas passariam, após a formatura do Zézito Pimpão.

Decorridos oito dias, Jénita recebia de Grenoble a primeira carta do seu futuro noivo. Ainda deitada, entre uma espuma de rendas, de cambraia e de tule, com que impaciência e alvoroçada alegria os seus olhos verdes, duma doçura infinita, iam percorrendo as quatro folhas de papel, através das quais elle lhe transmitia as primeiras impressões da sua chegada aquela terra estrangeira. Ao concluir, pela segunda vez, a leitura da carta, mesmo em camisinha de noite, Jénita correu à sua pequenina secretária, num recanto do confortável quarto, e dispôs-se a responder ao seu

querido Zézito. E assim, numa intensiva troca de correspondência, o tempo foi passando...

Chegou, finalmente, o dia do regresso definitivo do modelar protegido de Fred Richard.

Na estação do Rossio, aguardando a chegada do «Sud», num dia quente de Julho, Jénita, vestida de branco, com uma sombrinha vermelha, irradiando reflexos rubros, ao lado de seu pai, sóbriamente vestido, desempenado, elegante, e da ti'Ana avó, ligeiramente corcovada, vestida de preto, com um pequenino chapéu orlado de violetas artificiais, entre todo o pessoal da «Casa Gora», contava os minutos e os segundos, numa ansiedade, olhando os ponteiros do grande relógio da espaçosa gare. Súbitamente, um silvo agudo de locomotiva, soou nas trevas do túnel, ao fundo, e esta surgiu, resfolgante, entre uma nuvem de fumo.

À medida que o comboio se aproximava, afrouxando lentamente a velocidade, a ansiedade da ti'Ana-avó, de Fred Richard e, principalmente, de Jénita, aumentava no veemente desejo de abraçar o aprendiz de outrora, hoje o senhor engenheiro, como todos agora se lhe referiam, acentuando bem as sílabas, respetosamente.

— «Ei-lo!» gritou com infantilidade a Jénita, batendo as palmas e dando três pulinhos, radiante, ao vé-lo de pés no estribo, suspenso pela mão esquerda e acenando, com a dextra, o seu chapéu de feltro.

Ainda o comboio não parara e já o Zézito Pimpão, como dantes o tratavam, passava do regaço da sua futura noiva,



ao da sua velhota, a querida Avózinha que chorava, como uma criança, de comoção, de alegria.

— «E a mim, quando me cabe a vez?...» preguntava, clumento mas a sorrir, o comendador, de braços estendidos, ansioso, também, de o estreitar contra o peito.

— «Perdõe, paizinho Fred... Não chego para as encomendas!» exclamou, risonho, o Zézito, abraçando, finalmente, tão comovido como elle, o seu protector. Um forte e franco aperto de mão ao gerente das oficinas e a todo o pessoal que o rodeava agora, de chapéu na mão e sorriso na boca, rematou a série de saudações e cumprimentos.

A casa de Fred estava engalanada naquella dia festivo. Profusão de orquídeas e de camélias em todas as salas e, principalmente, na mesa da sala de jantar, sobre o «napperon», em cada ponta da toalha e entre os pratos de porcelana, os copos de cristal e os talheres de prata.

O senhor engenheiro jantava, no dia do seu regresso, em casa de Fred Richard, que colocara à direita a ti'Ana-avó e, em frente, a Jénita que, por sua vez, dava a direita ao seu futuro noivo e a esquerda ao gerente das oficinas. A sobremesa a bondosa Avózinha foi a primeira a erguer a sua taça de champanhe, exclamando comovida: — «Brindo à saúde do Zézito e de Jénita, cuja mão tenho a honra de pedir para o meu querido neto, ao senhor comendador Richard, por cuja saúde também bebo.»

— «Hip, hip, hip, hurrah!...» bradarão todos em côro.

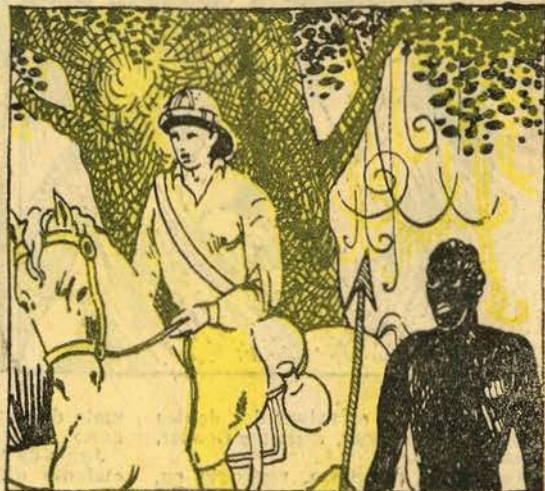
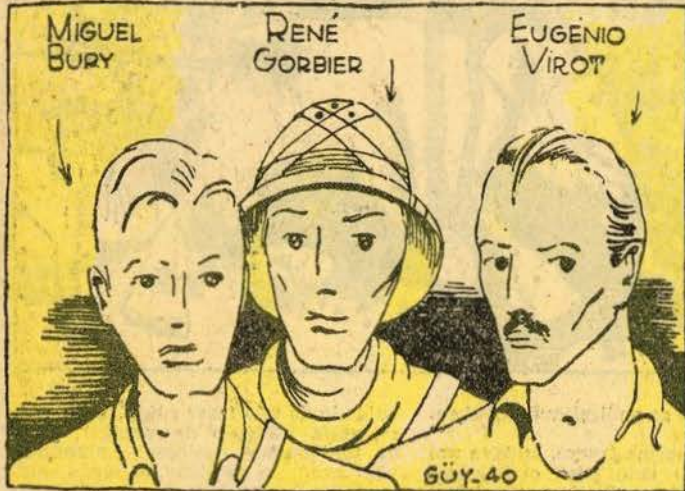
Fred Richard ergueu então a sua taça e exclamou: — «É com muitíssimo júbilo que satisfaço o pedido da senhora D. Ana, concedendo a mão de minha filha ao nosso querido Zézito!»

— «Hip, hip, hip... hurrah!...» repetiu o entusiasmado côro de saudações.

Quinze dias depois, realizava-se, com grande pompa, o casamento da filha do grande industrial Fred Richard, com o seu actual sócio, o ex-aprendiz das importantes oficinas «Gora Limitada.»



NAS FLORESTAS do SIÃO



JORGE Merval que, no tempo da construção da primeira linha do caminho de ferro no Império de Sião, foi um intrépido explorador, percorrendo, durante muitos anos, toda a região da Ásia meridional, contou-nos uma noite o seguinte:

O acaso fez que me dirigisse para junto dum dos telheiros da linha. Havia ali, para dirigir os trabalhos, três engenheiros, Miguel Bury, René Gorbier e Eugênio Virot, encantadores rapazes a quem me liquei em pouco tempo por uma sincera amizade. Decidi-me, por este facto, a passar algum tempo nêsse distrito, onde abundava a caça de todos os gêneros. Os meus três amigos acompanhavam-me sempre, que lhes era possível.

E que belos tiros disparamos juntos, tanto sobre tigres, como em panteras ou em búfalos selvagens. No entanto, estivemos um dia para ficar sem Miguel Bury, que lá perdendo a vida por uma fatalidade imprevisita; o mais curioso da história, porém, é que não foi numa caçada que essa fatalidade aconteceu. Eis como se passou a aventura.

Os meus três engenheiros haviam notado que um leve erro se tinha dado na construção do desenho do ramal da via férrea; resolveram, por isso, rectificá-la, para o que Miguel partiu uma

bela manhã com destino a uma grande floresta que fechava a planície.

Devia entregar-se às operações de topografia que lhe tomariam todo o dia. Eu tinha outros projectos pelo que não o pôde acompanhar.

Enquanto a Gorbier e a Virot, a sua presença era necessária no telheiro. Bury atastou-se, então, montado no seu cavalo e munto dos seus instrumentos, de algumas caixas de conservas e da sua espingarda, companheira indispensável em qualquer excursão. Só um Siamês o acompanhou... Chegada a noite, começou o nosso pequeno campo a entrar numa inquietação enorme, porque nem Bury, nem o seu servo tinham aparecido.

Certamente alguma desgraça lhes acontecera. Como Gorbier e Virot falavam em se pôrem imediatamente à procura do seu desgraçado colega, intervim a fim de lhes demonstrar a loucura e a inutilidade duma tal empresa.

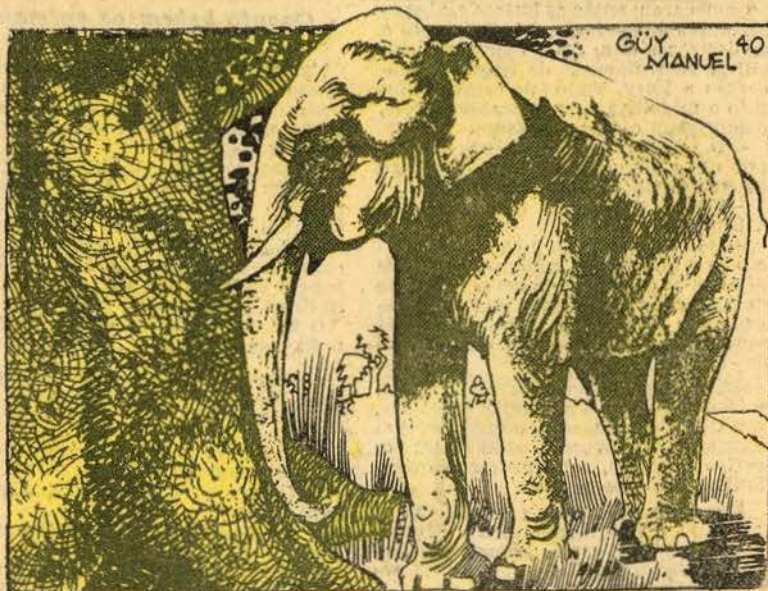
Na realidade, que poderíamos nós

tentar durante a noite, no meio duma floresta imensa, com o solo esburacado de barrancos pantanosos? Nada, evidentemente. Os meus companheiros renderam-se, por fim, às minhas razões.

Passámos uma noite angustiosa, não tendo, nenhum de nós, dormido, obcecados com o pensamento do que teria sucedido ao pobre Miguel. Os trabalhadores indígenas, que partilhavam da nossa ansiedade, viam-se agrupados à roda do fogo do bivaque e conversavam em voz baixa. De momento a momento, um deles levantava-se e, avançando para a planície, lançava para os ares o grito penetrante e prolongado, que serve de apelo dos indígenas dessas regiões, mas só os longínquos rugidos das feras lhes respondiam.

Então, todos abanavam tristemente a cabeça. Para eles, o engenheiro e o indígena que o acompanhara, tinham morrido, não havia dúvida.

Ao menos, que se encontrem os seus





GÜY
MA-
NUEL
40

cadáveres, para os salvar dos dentes dos animais ferozes, dizia-me Gorlier, desesperado.

Tenhamos esperança, repliquei eu, afectando um optimismo que o meu coração não sentia.

Logo que o sol appareceu no horizonte, montámos a cavallo e, seguidos duns vinte siameses, tomamos a direcção da floresta, onde chegámos depois de duas horas de marcha. Os nossos homens encontraram facilmente o caminho tomado pelo engenheiro. Era um atalho, ou antes uma pista traçada pela passagem das feras através do mato espinhoso; os passos do cavallo, montado pelo Bury, distinguiam-se perfeitamente no solo. Marchando em fileira indiana, internámo-nos sob as árvores.

Durante uma longa hora, caminhámos assim, até que o atalho nos conduziu a uma vasta clareira. De repente, um indígena soltou uma ligeira exclamação, que nos fez acorrer; acabava de apanhar uma lata vazia de conserva, que estava sobre as ervas altas.

— Efectivamente, disse eu, Bury almoçou aqui; exploremos a clareira e os seus arredores.

Começaram então as buscas e, alguns instantes mais tarde, Virot descobria os destroços dum nível d'água e vários outros instrumentos de fôrça, pertencentes a Bury. Tudo isto estava reduzido a migalhas e, examinando o solo, compreendi o que se passara.

— O nosso amigo fôra surpreendido por um elefante, disse eu, e disso não há que duvidar; vejamos estes traços.

— Mas... e Bury, o que aconteceu a Bury?

— Não sei. Em todo o caso está aqui a sua espingarda, repliquei eu, apanhando-a de cima da erva. O ataque devia ter sido tão súbito, que o desgraçado não pôde servir-se dela, pois está ainda carregada. Continuemos as nossas buscas...

Não tinham decorrido ainda cinco minutos quando um siamês descobria, num fundo pantanoso, o cadáver dum cavallo, meio devorado pelas feras; por certos detalhes, reconhecemos que o animal era o de Miguel.

No entanto, não encontrávamos nenhum traço do engenheiro, nem do seu indígena; prosseguimos, pois, as nossas investigações, quando, de repente, um grito de espanto esteve quasi a escapar-me. A primeira clareira comunicava com uma segunda, no

meio da qual se endireitava um «baobab.»

Junto da enorme árvore, andava um elefante dum lado para outro, fungando com fôrça. De instante a instante, o bruto desviava-se, e, com os dentes, atacava ferozmente a árvore.

Intrigado por este manejo, levantei os olhos e vi então Bury, empoletrado nos ramos da «baobab», com o siamês junto d'ele.

Agitando os braços, fizeram-me compreender que me tinham visto, mas, por prudência, não gritavam, o que seria para temer, porque, n'esse caso, o elefante, surpreendido, voltaria para mim e então... seria um caso sério, porque se tratava de um terrível adversário!

A' pressa, voltei para junto dos meus companheiros, a quem puz ao corrente da minha descoberta. Os indígenas, obedecendo à minha ordem, armaram-se somente de lanças e afastaram-se, enquanto Virot, Gorlier e eu alcançávamos a clareira, tendo muito

CURIOSIDADES

Quanto bebem os animais

Um veterinário americano, investigando qual a quantidade de água necessária por dia aos cavalos e aos bovinos, achou que os cavalos bebem 32 a 40 litros por dia.

Os cavalos que não trabalham, bebem em Fevereiro e Março 24 a 30 litros, ao passo que os submetidos ao trabalho, precisam de 31 a 42 litros.

Os bovinos bebem mais do que os cavalos. As vacas que não dão leite bebem 39 litros por dia e as leiteiras 56 litros, pelo menos.

O boi, ao contrário do cavallo, bebe mais pela manhã.

A N E D O T A

— Mãezinha tenho sido bom rapazinho ultimamente?

— Tens, sim, filho; tens sido muito bom rapaz.

— E a mãezinha tem confiança em mim?

— Já se sabe que tenho, querido.

— Então porque é que continua a esconder os bombons de chocolate e as amêndoas?

cuidado de não fazer ruido. Com effeito, seria perigoso descarregar, antes de ter tomado posições. Guiando-se pelo exemplo de Bury, os meus companheiros empoletraram-se sobre as árvores à minha esquerda e à minha direita; quanto a mim, abriguei-me atrás dum tronco respeitável, preparando-me para a luta.

O elefante apenas estava a trinta passos; a sua massa enorme oferecia-se de perfil, mas, por experiência, eu sabia que a sua pele grossa é quasi invulnerável e que o melhor sitio para lhe disparar uma bala, é ainda o olho. Assobiei, então, dôcemente. A este signal, combinado de antemão, Gorlier fez fogo, a bala feriu o animal na anca, ricocheteou e perdeu-se ao longe. Nessa occasião, o elefante, soprando com furor, voltou-se.

Então, dando a volta à minha árvore, descobri-me.

Bem depressa elle deu comigo, pelo que immediatamente acometeu contra mim; sem pressa, apontei, tomando por alvo o seu olho direito, que brilhava com um clarão feroz; a quinze passos, atirei e afastei-me para detrás do meu abrigo. Um estrondo horrível encheu a clareira, e, num galope louco, o monstro passou a dois passos de mim, saudado por uma dupla descarga de Virot e de Gorlier. Mas eu tinha atingido o sitio próprio; ao fim de vinte metros, o elefante tropeçou e, como que fulminado, caiu no meio do mato. Rapidamente me dirigi a elle; à minha vista, fez ainda um derradeiro esforço para se pôr de pé, mas, com uma segunda bala no olho esquerdo, cortei-lhe velozmente toda a veicidade nesse sentido e elle tornou a cair, bem morto desta vez.

Um instante depois, Bury apertava as nossas mãos e contava-nos como, na véspera, perto do meio dia, o elefante atacado pelo indígena a golpes de flexas, se vtrara contra elle próprio, bruscamente; por felicidade, o monstro tinha-se enfurecido contra o cavallo do engenheiro, o que permittiu áquele refugiar-se sobre a «baobab», onde, em companhia do seu imprudente criado, tinha passado uma tarde e uma noite, inmensamente desagradáveis, bloqueados pelo elefante que os espreitava de baixo.

— Creio que escapamos de boa! — concluiu o valente rapaz, rindo.

— E, palavra de honra, eu era da sua opinião.

Trad. de AMELIA FERREIRA

■ A VISITA DA LUA ■

A Schuvas que haviam caído, durante uma temporada, alargaram de tal maneira o buraco — porta de entrada do formigueiro, junto ao tronco do carvalho, que a rainha Formigona, muito incomodada com a claridade e o frio, enfim, com o desconforto do seu palácio, ordenou que se fizessem obras nele.

Logo, num reboliço, as formigas operárias, azafamadas, activas, trataram de lhe obedecer.

Mas, assim que tocaram no buraco já enorme, a terra amolecida, húmida, cedeu... e, em lugar de o tornarem mais pequeno, antes que elas o pudessem evitar, êle ficou enorme, tal qual uma bocarra escancarada, aberta no terreno.

Nessa ocasião, o Joãozinho, um petiz que morava perto, brincava ali, com um berlinde de vidro amarelo, que rebolou e caiu para dentro do formigueiro.

Passado o primeiro momento de assombro, as formigas vieram examinar aquele objecto estranho, sem perceber o que seria.

Mas a rainha Formigona, vendo que a luz que incidia sobre o vidro o fazia brilhar, determinou, com ares de grande sabedoria:

— «E o sol! É o sol! Que honra tão inesperada! Vem visitar o nosso palácio.»

Então, todas elas desataram a zumbir, diante da bola de vidro amarelo, cheias de respeito, de consideração pelo rei do sol que do céu caíra, de propósito, para lhes prestar tão grande homenagem.

Mas uma formiga espartinha foi direita à rainha e, resoluta, disse:

— «Real senhora, que grande engano! Deve pensar que o sol soberano, êsse que brilha lá nas alturas, só dá calor às criaturas e êste é frio, faz arrepio!»

A rainha ainda duvidou...

Estava tão valdosa com a distinção que o sol lhe dispensara, que lhe custava acreditar que não era êle o visi-

tante, entrado, bruscamente, pelo formigueiro dentro.

Era naturalíssimo que, vivendo lá tão longe, tão fóra das entranhas da terra, tivesse curiosidade de ver os prodígios celebrados, das trabalhadoras habilidosas e afamadas formigas!

Mas já as formiguinhas rodeavam o berlinde e lhe tocavam, ao de leve, com as antenas, para verificar se, efectivamente, dali vinha calor.

Encolhiam-nas, logo, arrepiadas...

E, uma por uma, vieram dar parte à sua rainha que aquilo não era quente, mas dum frio surpreendente.

Sua Majestade Formigona, depois de pensar, maduramente, no caso, disse, categórica:

— «Se não é o sol, será a lua! Só um astro possante poderia penetrar nos nossos domínios, ocultos aos olhos dos mortais!

Submissas, ante a régia determinação, as formigas mais uma vez rodearam o berlinde que, com tantos empurrões, resvalara mais para o fundo, tornando-se um empediço, não lhes deixando espaço para elas se mexerem.

Depois dos cumprimentos de boas vindas e admiração à senhora Lua, que



A rainha Formigona deu às marri-nhas, perplexa:

— «Sim... Ela mesma se achava pouco à vontade, diante da senhora Lua, pois o seu officio de pôr ovos, não era muito próprio para ser presenciado por um astro com quem fazia tanta cerimónia!

E decidiu que, usando da maior delicadeza, as formigas levassem a senhora Lua para cima.

Elá, depois, subiria ao céu! Isso não era obra para formigas que só entendiam de viagens na terra e dentro dela!

Já se vê, foi a própria rainha que se viu obrigada a despedir a Lua, o que fez com toda a diplomacia.»

— «Desculpe, senhora Lua se a ponho no meio da rua, não é por menos apêço, mas a senhora é um tropeço!... Não podemos circular, não podemos trabalhar, vivemos numa tortura e mesmo a minha postura, eu tive de interromper, por muito bem conhecer que era gran descortesia, ante Vossa Senhoria, que sois rainha dos povos, eu me atrevo a pôr ovos! Desculpe, senhora Lua, mas temos de a pôr na rua!»

A subida da Lua até ao cimo do formigueiro, não foi coisa fácil!

Durante muitos dias, as pobres formigas suaram, gemeram, debaixo do peso bruto da bola de vidro.

Quando, por fim, conseguiram pô-la em terra, junto ao carvalho, respiraram, aliviadas...

O Joãozinho andava por ali, como era seu costume.

— «O meu berlinde! O meu berlinde!» — exclamou o pequeno radiante, ao vêr a bola de vidro que lhe pertencia.

Que vexadas ficaram as formigas, quando o Joãozinho pegou na Lua e lhe deu um piparote!

E o vexame foi tal que, daí por diante, nunca mais uma formiga saiu à noite, só para não se arriscar a vêr a lua, causa de tanta vergonha!

VIRGINIA LOPES DE MENDONÇA

Correspondência

Valério França: — Não leves a mal o que vamos dizer-te, pois o conselho é de amigo: — Tenta a prosa, pois para poeta não tens vocação.

Manuela Zinha: — A madrinha Graciete, como lhe chamam, brevemente tornará a dar os seus conselhos.

Lota Carmo: — Muito obrigadinho pelas amáveis referências ao nosso Suplemento. Na sua nova fase o «Pim-Pam-Pum» pretende agradar a todos.

Tio Paulo



só por elas deixara de brilhar no firmamento, começaram a achar que aquela visita tão honrosa, era, também, bastante incômoda...

O que haviam de fazer à Lua?!

Que grande problema!...

O formigueiro foi escangalhado na porta, ficara arrebado por dentro, porque a senhora Lua, alambazada demais para ali permanecer muito tempo, dava cabo das paredes. Já fizera um rombo a um lado e um torrão caíra sobre elas, tornando o ar irrespirável.

Uma delegação de formigas foi expôr a Sua Majestade o acontecido.



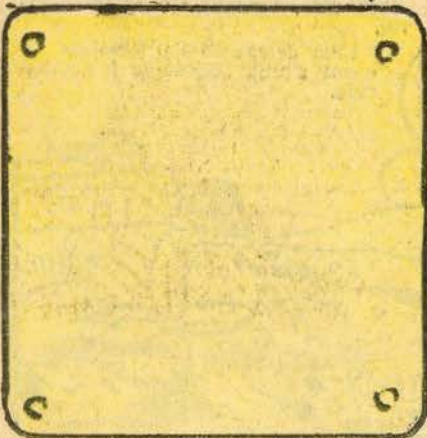
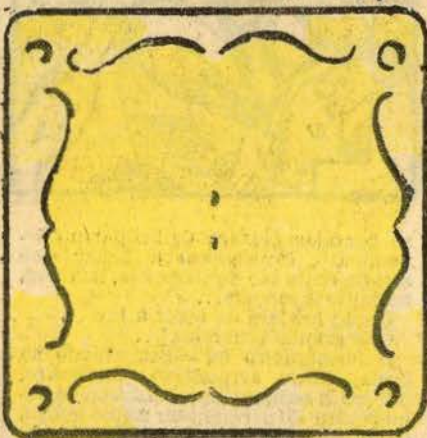
A GAIOLINHA DO GRILO

CONSTRUÇÃO
PARA *
ARMAR

EPISÓDIO RÚSTICO

(Continuado da página 1)

É de tão fácil construção esta gaiolinha para armar, que dispensa qualquer explicação. Depois de colado o desenho em cartolina, podem os amiguinhos colorir o tampo e o fundo com várias tonalidades.



Nessa não caio eu, não!
Se tu quiseres, Chiquinho,
hás-de-me dar o pião
em troca do passarinho.»



Chiquinho hesita, a pensar
no seu pião tão bonito...
mas logo o vai entregar
em troca do passarito.



Tira-lhe, então, os atilhos
que o prendem. Põe-no a voar.
E parte, em busca dos filhos,
p'los ares a pipilar.

No largo estavam mais dois
rapazes de perna à vela;
porém, nenhum quiz, depois,
jogar com o Zé Barrela.

Fevereiro—1940

VENUTRA

* **Pensamentos** *

A amizade é um raio de sol que ilumina a vida,

Os filhos tornam-se, para seus pais,
conforme a educação que recebem,
uma recompensa ou um castigo.